

## Estudo Etnobotânico de Plantas Tóxicas na Comunidade de Salobra Grande, Porto Estrela - Mato Grosso

### Ethnobotanical Study of Toxic Plants in the Salobra Grande Community, Porto Estrela – Mato Grosso

Simone Santos de Oliveira<sup>\*a</sup>; Suzam Lenni da Silva Pereira<sup>b</sup>; Patrícia Simone Palhana Moreira<sup>a</sup>; Viviane Luiza Hunhoff<sup>a</sup>; Rogério Pinto de Moura Moreira<sup>a</sup>; Paula Alexandra Soares da Silva Nunes<sup>a</sup>; Josué Ribeiro da Silva Nunes<sup>a</sup>; Rogério Benedito da Silva Añez<sup>a</sup>;

<sup>a</sup>Universidade do Estado de Mato Grosso. MT, Brasil.

<sup>b</sup>Universidade Estadual de Santa Cruz, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Genética e Biologia Molecular. BA, Brasil.

\*E-mail: [siimone\\_@msn.com](mailto:siimone_@msn.com)

#### Resumo

Este trabalho teve como objetivo verificar quais são as plantas tóxicas presentes nos quintais das casas de uma comunidade tradicional e conhecer para que fins estes moradores mantinham essas plantas. Foram realizadas entrevistas com a utilização de formulários com perguntas abertas e semiestruturadas, em que nove famílias foram entrevistadas. A maioria dos entrevistados tinha mais de 30 anos de idade, 56% dos entrevistados afirmaram que já tinham ouvido falar de plantas tóxicas. A família Araceae teve maior representatividade, seguida de Liliaceae, Euphorbiaceae, Apocynaceae, Annonaceae, Dioscoreaceae, Solanaceae e Labiatae e a espécie mais encontrada nas residências foi a espada de são jorge (*Sansevieria sp*), pertencente à família Liliaceae. Algumas espécies tóxicas são utilizadas de forma medicinal como a mamona (*Ricinus communis L*) e na alimentação, taioba (*Colocasia antiquorum Schott*), tomate, inhame e pinha (*Lycopersicon sp*, *Dioscorea sp* e *Annona squamosa* respectivamente). Algumas plantas são utilizadas para proteção da casa e contra mau olhado como comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta Schott*) e pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia*). A espécie *Sansevieria sp* (espada de são Jorge) é utilizada em rituais religiosos e também na proteção da casa.

**Palavras-chave:** Conhecimento de Plantas. Uso de Plantas. Comunidades Tradicionais.

#### Abstract

This research had as main purpose to verify the toxic plants species in the backyard of a traditional community and know why these people keep these species. Interviews were carried out using forms with open and semi-structured questions, nine families were interviewed. The majority of respondents were more than 30 years old, 56% of respondents stated that they had already heard of toxic plants. The Araceae family had greater representativeness, followed by Liliaceae, Euphorbiaceae, Apocynaceae, Annonaceae, Dioscoreaceae, Solanaceae and Labiatae and the most common species found in homes was espada de são jorge (*Sansevieria sp*), belonging to Liliaceae family. Some toxic species are used medicinally as castor beans (*Ricinus communis L*) and feeding taioba (*Colocasia antiquorum Schott*), tomato, yam and custard apple (*Lycopersicon sp*, *Dioscorea sp* and *Annona squamosa* respectively). Some plants are used for home protection and against evil eye as comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta Schott*) and pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia*). The specie *Sansevieria sp* (espada de são Jorge) It is used in religious rituals and also protect the home.

**Keywords:** Plant Knowledge. Use of Plants. Traditional Communities.

#### 1 Introdução

Algumas das plantas que se têm em casas, em vasos ou jardins podem esconder perigo por trás de sua beleza. Muitas podem apresentar princípios ativos, tais como, alcalóides, taninos ou toxialuminas capazes de causar graves intoxicações, quando ingeridas ou irritações cutâneas, quando tocadas.

Segundo dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas, (SINITOX, 2000) e de Gretter e Nunes (2011), cerca de 60% das intoxicações causadas por plantas no Brasil ocorrem com crianças, e em 80% destes casos são acidentais. As intoxicações entre os adultos também são frequentes, sendo causadas, principalmente, pelo uso inadequado de plantas medicinais, alucinógenas e abortivas, em forma de chás.

O conhecimento quanto à toxicidade de plantas sempre esteve presente nas comunidades tradicionais, e são de grande

importância, uma vez que a partir destes conhecimentos, a Etnobotânica pode reunir os instrumentos necessários para pesquisar o uso destas plantas pelas comunidades tradicionais. É através dos estudos da etnobotânica que se destacam as peculiaridades e costumes dessas comunidades e seus benefícios quanto ao uso dessas plantas no dia a dia (MING, 1995).

A Etnobotânica é o estudo das inter-relações entre humanos e plantas em sistemas dinâmicos (ALCORN 1995). Segundo Hanazaki (2006), abordagens etnobotânicas podem fornecer respostas importantes, tanto para problemas de conservação biológica como para questões direcionadas ao conhecimento e desenvolvimento local.

A pesquisa com plantas, na Etnobotânica, é um trabalho interdisciplinar, que envolve a realidade do cotidiano das famílias tradicionais e isso visa valorizar seus conhecimentos ao longo do tempo (SOUZA, 1998).

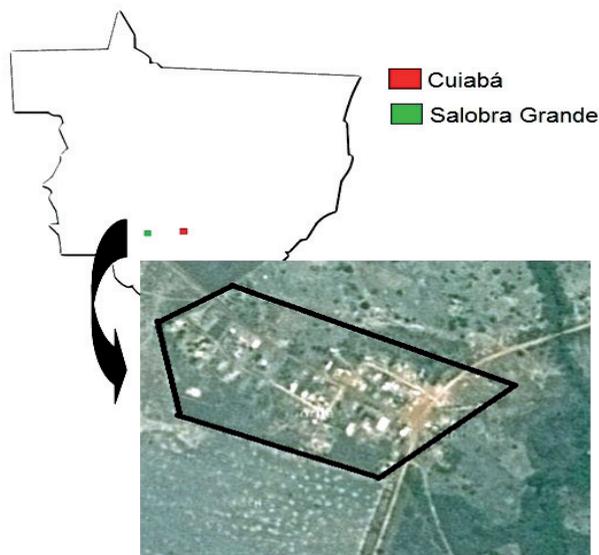
Muitas comunidades tradicionais, que detêm conhecimento sobre a utilização de certas plantas, modos de preparo e maneiras de uso, também conhecem o local onde coletar, a época certa para fazê-lo e quais partes da planta devem ser coletadas, por isso também, os estudos etnobotânicos são essenciais para preservação desse conhecimento, mesmo com a presença de novos recursos e tecnologias nestas comunidades (DE LA CRUZ MOTA, 1997).

Portanto, este trabalho objetivou verificar quais são as espécies de plantas tóxicas presentes nos quintais das casas de uma comunidade tradicional e conhecer para que fins estes moradores mantinham estas plantas.

## 2 Material e Métodos

As entrevistas foram realizadas na comunidade Salobra Grande, localizada próxima ao município de Porto Estrela Mato Grosso, situado a 210 km de Cuiabá. Essa região está situada nas coordenadas geográficas 15° latitude Sul e 37°33.75" e 57°15'03. 93" longitude Oeste Gr. Situada a 156 metros acima do nível do mar (Figura 1).

**Figura 1** - Localização da comunidade Salobra Grande distrito do município de Porto Estrela – Mato Grosso.



**Fonte:** Os autores

Foram realizadas entrevistas com a utilização de formulários com perguntas abertas e semiestruturadas. Nessa comunidade, nove famílias foram entrevistadas a respeito dos tipos de plantas, que cultivam em casa, e também se investigou o conceito e o conhecimento sobre plantas tóxicas.

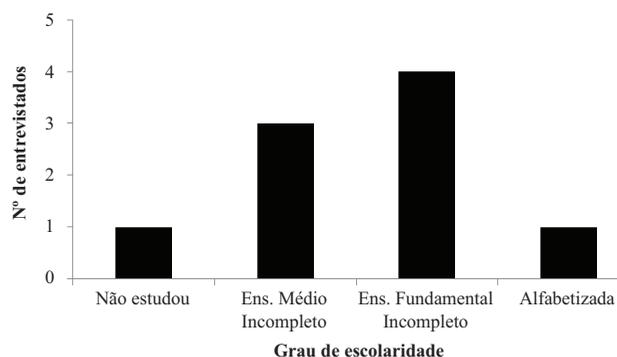
Os informantes são pessoas da própria comunidade, que são indicadas por seus conhecimentos sobre os tipos de plantas tóxicas que cultivam, seguindo métodos de entrevistas de Albuquerque e Lucena (2004) do tipo “bola-de-neve”.

## 3 Resultados e Discussão

Foram entrevistadas nove moradoras da comunidade estudada, todas do sexo feminino. Com idade que variou de 17 a 66 anos, a maioria das entrevistadas tinha mais de 30 anos de idade, apenas uma com 17 anos. Quanto à origem das entrevistadas, a maioria (cinco) é nascida na própria comunidade, as outras são: da cidade de Cáceres, Rondonópolis e Cuiabá, sendo somente uma natural do Estado de Pernambuco. A maioria mora há 10 anos ou mais na mesma casa.

Quanto à escolaridade, três possuem o Ensino Médio incompleto, quatro tem o Ensino Fundamental incompleto, uma sabe ler e escrever e, uma não estudou (Figura 2).

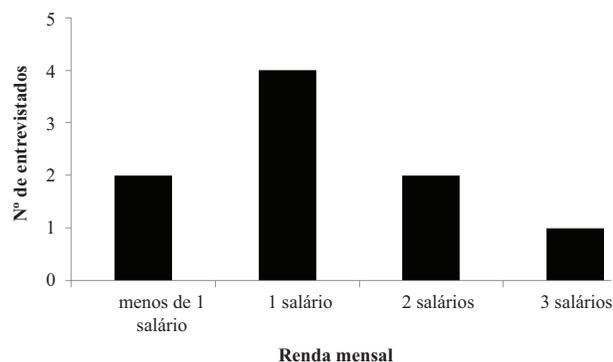
**Figura 2** - Grau de escolaridade dos entrevistadas na comunidade de Salobra Grande distrito do município de Porto Estrela – Mato Grosso.



**Fonte:** Dados da pesquisa.

A renda mensal da família das entrevistadas variou de menos de um salário a três salários, no entanto, vale ressaltar que a maioria das famílias vive com um salário ou menos, das nove entrevistadas, seis possuem renda de um salário ou menos (Figura 3).

**Figura 3** - Renda Mensal dos entrevistados na comunidade de Salobra Grande distrito do município de Porto Estrela – Mato Grosso.



**Fonte:** Dados da pesquisa.

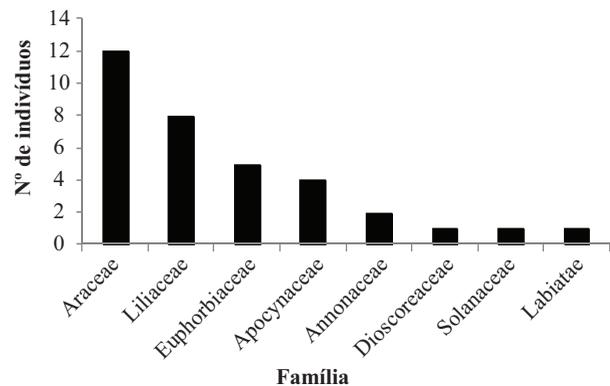
Quando os entrevistados foram questionados se já tinham ouvido falar de plantas tóxicas (venenosas), 56% afirmaram que sim, e 44% disseram nunca terem ouvido falar sobre plantas tóxicas. Apenas uma das entrevistadas afirmou

conhecer um caso de intoxicação por ingestão de comigo ninguém-pode, *Dieffenbachia picta* Schott, o que levou a pessoa a morte, na cidade de Porto Estrela.

Na Figura 2 estão apresentadas as famílias botânicas que apareceram com maior frequência nas residências. A família Araceae teve uma maior representatividade, pois dos 33 espécimes, 12 pertenciam a esta família. Sendo constituída por plantas de porte herbáceo ou subaquáticas, muito utilizada na ornamentação, além de ser comum ocorrer caso de intoxicações em crianças, estas são atrativas pelas folhas e inflorescências grandes e vistosas (OLIVEIRA; GODOY; COSTA, 2003).

A família Liliaceae teve oito representantes, seguida da Euphorbiaceae com 5 representantes. As famílias Apocynaceae, Annonaceae, Dioscoreaceae, Solanáceae e Labiatae tiveram 4, 2 e 1 representantes, respectivamente (Figura 4).

**Figura 4** - Famílias botânicas dos indivíduos encontrados nos quintais da Comunidade de Salobra Grande distrito do município de Porto Estrela – Mato Grosso.



Fonte: Dados da pesquisa.

No Quadro 1 estão apresentadas as plantas tóxicas utilizadas pelos moradores de Salobra Grande. Em todas as residências, que foram visitadas, havia plantas tóxicas.

**Quadro 1** - Informações sobre plantas tóxicas utilizadas pelos moradores da comunidade de Salobra Grande, município de Porto Estrela – Mato Grosso.

	Nome Popular	Família	Nome Científico	Uso
Casa 1	Espada de São Jorge	Liliaceae	<i>Sanseveria cylindrica</i>	Proteção da casa
	Comigo ninguém pode	Araceae	<i>Dieffenbachia picta</i>	Proteção da casa
	Lírio da paz	Araceae	<i>Spathiphyllum wallisii</i>	Ornamental
	Pinhão roxo	Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i>	Ornamental
Casa 2	Maria sem vergonha	Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i>	Ornamental
	Lírio da paz	Araceae	<i>Spathiphyllum wallisii</i>	Ornamental
	Taioba	Araceae	<i>Colocasia antiquorum</i>	Ornamental
Casa 3	Tinhorão	Araceae	<i>Caladium bicolor</i>	Ornamental
	Jasmim	Apocynaceae	<i>Plumaria rubra</i>	Ornamental
Casa 4	Comigo ninguém pode	Araceae	<i>Dieffenbachia picta</i>	Ornamental
	Espada de São Jorge	Liliaceae	<i>Sanseveria cylindrica</i>	Ornamental
	Mamona	Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i>	Medicinal/semente
	Pinha	Annonaceae	<i>Annona squamosa</i>	Alimentação
	Bom dia/Boa noite	Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i>	Ornamental
	Aveló	Euphorbiaceae	<i>Euphorbia tirucalli</i>	Ornamental
Casa 5	Espada da lágrima de N Senhora	Liliaceae	<i>Sanseveria cylindrica</i>	Rituais religiosos
	Espada de São Jorge	Liliaceae	<i>Sanseveria cylindrica</i>	Rituais religiosos
	Comigo ninguém pode	Araceae	<i>Dieffenbachia picta</i>	Ornamental
	Taioba	Araceae	<i>Colocasia antiquorum</i>	Alimentação
	Espadinha	Liliaceae	<i>Sanseveria</i>	Corta mau olhado
	Mamona	Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i>	Medicinal/folha
	Pinhão roxo	Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i>	Corta mal olhado
	Cordão de frade	Labiatae	<i>Leonotis nepetifolia</i>	Ornamental
Casa 6	Inhame	Dioscoreaceae	<i>Discorea</i> sp	Alimentação
	Tomate	Solanaceae	<i>Lycopersicon esculentum</i>	Alimentação
	Tinhorão	Araceae	<i>Caladium bicolor</i>	Ornamental
Casa 7	Lírio da paz	Araceae	<i>Spathiphyllum wallisii</i>	Ornamental
	Taioba	Araceae	<i>Colocasia antiquorum</i>	Ornamental
	Comigo ninguém pode	Araceae	<i>Dieffenbachia picta</i>	Ornamental
	Espada de São Jorge	Liliaceae	<i>Sanseveria cylindrica</i>	Ornamental
Casa 8	Alamanda	Apocynaceae	<i>Allamanda cathartica</i>	Ornamental
	Espada de São Jorge	Liliaceae	<i>Sanseveria cylindrica</i>	Ornamental

Fonte: Dados da pesquisa.

Nas oito residências foram encontradas 16 espécies diferentes de plantas tóxicas distribuídas em oito famílias. A espécie mais comum foi a *Sansevieria sp* (Espada de São Jorge), presente em cinco das oito residências. A *Dieffenbachia picta* Schott (comigo-ninguém-pode) esteve presente em quatro residências. Também foram bem representadas *Colocasia antiquorum* Schott (Taioba) e *Spathiphyllum wallisi*, as quais estavam presentes em três residências.

A planta conhecida por comigo-ninguém-pode apresenta idioblastos com cristais de oxalato de cálcio nas raízes, no caule e nas folhas, por isso é considerada tóxica, além de a presença de idioblastos com ráfides em órgãos expostos da planta, que aumenta a chance de intoxicação acidental (ROCHA; PERGORINI; MARANHO, 2006).

A ingestão das folhas ou pecíolo causa reações como: intensa irritação das mucosas da boca, da faringe e laringe, provocando salivação abundante, dores na boca, na língua e nos lábios, ocorrendo edema da mucosa que entrou em contato com a planta (OLIVEIRA; GODOY; COSTA, 2003).

As demais espécies encontradas foram: *Jatropha gossypifolia* (pinhão roxo), *Catharanthus roseus* (maria sem vergonha), *Sansevieria cylindrica* (espada de São Jorge), *Ricinus communis* L (Mamona), *Annona squamosa* (pinha/ata), *Leonotis nepetaefolia* (cordão de frade), *Dioscorea sp* (inhame), *Lycopersicon sp* (tomate), *Allamanda cathartica* (alamanda), *Caladium bicolor* Vent, *Plumaria sp* e *Euphorbia tirucalli* L (Tabela 1).

No que se refere à utilidade dessas plantas, com características tóxicas, a maior parte é utilizada na ornamentação dos jardins. No entanto, *Ricinus communis* L (mamona), apesar de ser uma planta tóxica, é utilizada por duas moradoras como medicinal, utilizando a semente para fazer o óleo de rícinos, e a folhas para fazer banhos, contra infecções.

Uma das moradoras, que utiliza a mamona como medicinal, disse que para preparar o óleo primeiro ferve a semente. Gonçalves, Oloris e Soto-Blanco (2009), em seus estudos, comprovaram que a ricina, proteína que confere toxicidade para a mamona é inativada, quando submetida ao calor por autoclavagem ou a 90 °C por duas horas.

Estudos em comunidades tradicionais e indígenas também demonstraram o uso da mamona para fins fitoterápicos, em que é indicada para tratar inflamações e verminoses (COUTINHO; TRAVASSOS; AMARAL, 2002; RITTER *et al.* 2002; SILVA; ANDRADE, 2005).

Algumas espécies também são utilizadas na alimentação, como: *Colocasia antiquorum* Schott (Taioba), *Lycopersicon sp* (tomate), *Dioscorea sp* (inhame) e *Annona squamosa* (pinha/ata). Segundo Pinto *et al.* (2001), a cultura da taioba deveria ser mais incentivada devido à qualidade das folhas, que são superiores ao espinafre em relação ao sabor e nutrientes, mas acaba sendo pouco utilizado devido a fatores antinutricionais e/ou tóxicos.

Estudos apontam que o inhame é utilizado como alimento

também em outras comunidades (CHRISTO; GUEDES-BRUNI; FONSECA-KRUEL, 2006; FLORES; CANTO-AVILES; FLORES-SERRANO, 2001; PÉREZ *et al.* 2005; SILVA; ANDRADE, 2005) medicinal, inseticida, para fins esotéricos (PÉREZ *et al.*, 2005), e abortivos (NOELLI, 1996).

Já a pinha ou ata como é popularmente conhecida a *A. squamosa* pertencente à família Annonaceae e sua toxicidade é explicada devido aos componentes denominados acetogeninas, que têm ação citotóxica e inseticida, e estão presentes nos representantes desta família (NASCIMENTO *et al.*, 2003).

As espécies *Sansevieria sp* (espada de São Jorge), *Dieffenbachia picta* Schott (comigo ninguém pode), *Jatropha gossypifolia* (pinhão roxo) foram citadas por alguns moradores que são utilizadas para a proteção da casa e contra mau olhado. A *Sansevieria sp* (espada de São Jorge) segundo uma moradora também é utilizada em rituais religiosos (Quadro 1).

Estas espécies também são reconhecidas como “protetoras”, em outras comunidades tradicionais, como verificado por Pasa Soares e Guatin-Neto (2005), na comunidade de Conceição-Açu-MT e no distrito de Miraporanga em Uberlândia-MG por Pereira Sobrinho e Guido (2008).

#### 4 Conclusão

O presente estudo verificou que a maioria dos entrevistados tinha mais de 30 anos de idade e 56% dos entrevistados afirmaram que já tinham ouvido falar de plantas tóxicas.

Houve um relato de um caso de intoxicação por ingestão de comigo ninguém pode *Dieffenbachia picta* Schott, o que levou a pessoa a morte na cidade de Porto Estrela.

A família Araceae teve maior representatividade, seguido de Liliaceae,, Euphorbiaceae, Apocynaceae, Annonaceae, Dioscoreaceae, Solanaceae e Labiatae.

A espécie mais encontrada nas residências foi a *Sansevieria sp*, pertencente à família Liliaceae e a *Ricinus communis* L (mamona), apesar de ser uma planta tóxica, é utilizada por duas moradoras de forma medicinal. Espécies como: *Colocasia antiquorum* Schott (Taioba), *Lycopersicon sp* (tomate), *Dioscorea sp* (inhame) e *Annona squamosa* (pinha/ata), são utilizadas na alimentação.

As plantas *Dieffenbachia picta* Schott (comigo ninguém pode), *Jatropha gossypifolia* (pinhão roxo), são utilizados pelos moradores como proteção da casa e contra mau olhado, e a *Sansevieria sp* (espada de São Jorge) é utilizada em rituais religiosos e, também, na proteção da casa.

#### Referências

- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F. *Métodos de técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife: LivroRápido/NUPPEA, 2004.
- ALCORN, J.B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E.; VON REIS, S. *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Portland: Dioscorides, 1995.
- CHRISTO, A.G.; GUEDES-BRUNI, R.R.; FONSECA-KRUEL, V.S. Uso de recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes

- à Reserva Biológica de Poços das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: um estudo de caso na gleba Aldeia Velha. *Rodriguésia*, v.57, n.3, p.519-542, 2006.
- COUTINHO, D.F.; TRAVASSOS, L.M.A.; AMARAL, F.M.M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no Estado do Maranhão - Brasil. *Visão Acadêmica*, v.3, n.1, p. 7-12, 2002.
- DE-LA-CRUZ MOTA, M.G.F. O trabalho de campo sob a perspectiva da Etnobotânica. Cuiabá: ISC/UFMT, 1997.
- FLORES, J.S.; CANTO-AVILES, G.C.O.; FLORES-SERRANO, A.G. Plantas de la flora yucatanense que provocan alguna toxicidad em el humano. *Rev. Biomed.*, v.12, p.86-96, 2001.
- GONGALVES, C.A.V.; OLORIS, S.C.S.; SOTO-BLANCO, B. Avaliação da capacidade da ricina inativada pelo calor para prevenção da intoxicação pela mamona (*Ricinus communis*). *Acta Vet. Bras.*, v.3, n.2, p.84-87, 2009.
- GRETTER, C.J.; NUNES, J.R.S. Ocorrência de intoxicações por plantas tóxicas no Brasil. *Engenharia Ambiental*, v. 8, n.1, p.79-100, 2011
- HANAZAKI, N. Etnobotânica e conservação: manejar processos naturais ou manejar interesses opostos? In: MARIATH, J.E.A.; SANTOS, R.P. *Os avanços da Botânica no início do século XXI: morfologia, fisiologia, taxonomia, ecologia e genética*. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil, 2006
- MING, L.C. Levantamento de plantas medicinais na reserva extrativista “Chico Mendes”, Acre. Botucatu: Universidade do Estado de São Paulo, 1995.
- NASCIMENTO, F.C. et al. Acetogeninas de anonáceas isoladas de folhas de *Rollinia laurifolia*. *Química Nova*, v.26, p.319-322, 2003.
- NOELLI, F.S. Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia Guarani através de informações históricas. In: SIMPÓSIO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1996.
- OLIVEIRA, R.B.; GODOY, S.A.P.; COSTA, F.B. Plantas tóxicas. Conhecimento e prevenção de acidentes. Ribeirão Preto: Holos, 2003.
- PASA, M.C.; SOARES, J.J.; GUARIN-NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta Bot. Bras.* v.19, n.2, p. 195-207, 2005.
- PÉREZ, J. et al. Consideraciones etnobotánicas sobre el género *Dioscorea* (*Dioscoreaceae*) en Cuba. *Rev. Ecosistemas*, v.14, n.2, p. 142-149, 2005.
- PINTO, N.A.V.D. et al. Avaliação de fatores antinutricionais das folhas da taioba (*xanthosoma sagittifolium* school). *Ciênc. Agrotecnol.*, v.25, n.3, p.601-604, 2001.
- RITTER, M.R. et al. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. *Rev. Bras. Farmacognosia*, v.12, n.2, p.51-62, 2002.
- ROCHA, L.D.; PEGORINI, F.; MARANHO, L.T. Organização estrutural e localização das estruturas tóxicas em comiguinguém-pode (*Dieffenbachia picta* (L.) Shott) e copo-de-leite (*Zantedeschia aethiopica* (L.) Spreng). *Rubs.* v.2, n.1m p. 54-63, 2006.
- SILVA, A.J.R.; ANDRADE, L.H.C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. *Acta Bot. Brás.*, v.19, n.1, p.45-60, 2005.
- SINITOX. *Estatística anual de casos de intoxicação e envenenamento*. Rio de Janeiro: CICT/FIOCRUZ/MS, 2000.
- PEREIRA SOBRINHO, I.A.P.; GUIDO, L.F.E. Educação ambiental a partir do resgate dos quintais e seu valor Etnobotânico no Distrito de Miraporanga, Uberlândia, MG. In: ENCONTRO INTERNO, 8., SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 12. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- SOUZA, L.F. Estudo etnobotânico na comunidade de Baús: o uso de plantas medicinais Município de Acorizal. Cuiabá: ISC/UFMT, 1998.